

FACISTAS CONTRA A MAÇONRIA

José Antonio Ferrer Benimeli, SJ

Tradução¹

Cídio Lopes de Almeida

Doutorando Faculdade Unida de Vitória

cidioalmeida@gmail.com

Bolsista FAPES

FERRER BENIMELI, J.A. Fascistas contra a Maçonaria. Tradução Cídio Lopes de Almeida. São Paulo: AMF3 Escola de Filosofia. 2023. Disponível em: <https://amf3.com.br/facistas-contra-a-maconaria/>. Acesso em: (dd/mm/aaaa)

Fascistas contra a Maçonaria

O primeiro passo oficial dado pelo fascismo italiano contra a maçonaria ocorreu em decorrência da deliberação do Grande Conselho Nacional Fascista em 15 de fevereiro de 1923, com a participação do *Duce* e outros catorze membros do referido Conselho. O resultado foi convidar os fascistas que eram maçons a escolher entre pertencer ao Partido Nacional Fascista ou à maçonaria.

Logo depois, o governo italiano, por meio da chamada *Comissão dos Quinze*, elaborou um relatório histórico sobre o significado e a obra da maçonaria. Com base nesse relatório, o próprio Mussolini apresentou um projeto de lei à Câmara em 12 de janeiro de 1925, o qual ele mesmo se encarregou de apresentar. Ao reconhecer que o papel desempenhado pelas sociedades secretas no *Risorgimento italiano* era conhecido por todos, Mussolini afirmou que a existência de tais sociedades se justificava em tempos de escravidão, mas não nos tempos atuais de liberdade. Na nova era, era incompatível com a soberania do Estado. A lei contra a Maçonaria foi finalmente aprovada.

Alguns anos mais tarde, em Portugal, sob o regime de Salazar, iria se repetir a experiência italiana. Oliveira Salazar concentrou sua atenção no perigo das sociedades secretas como responsáveis pelo declínio de Portugal. Um relatório contra as sociedades secretas acabou sendo aprovado e oficialmente promulgado sob a forma de lei em 21 de maio de 1935. O poeta Pessoa, declarando-se não maçom nem antimaçom, escreveu um longo artigo criticando o

¹ **Nota contexto da tradução:** Os excertos que seguem situam-se nas pesquisas sobre a maçonaria e sua história no sentido de uma história das ideias que perpassam este fenômeno. Por se considerar que a mesma se articula enquanto sociabilidade baseada em filosofia de vida, o primeiro desafio é compreender o que seja uma visão de mundo a orientar o agir dos seus adeptos. O exame tem sido verificar como as ideologias vigentes, em especial as que incidem sobre a Maçonaria no Brasil, se manifestam na constelação dos fenômenos que podemos aglutinar sob o nome maçonarias. Nossa curiosidade ou hipótese de investigação, que aqui estão traduzidos nestes excertos enquanto material pessoal de maturação reflexiva, é a de que a Maçonaria tem íntima relação com as ideologias democráticas e liberais. E, por outro lado, não se dá bem nos contextos de regimes políticos ditatoriais. Aqui uma olhada sobre os regimes de extrema direita no contexto europeu. Em outros, o exame será sobre os outros modelos de governos não democráticos, com foco sobretudo na América Latina, pela proximidade geográfica-cultural e política com o Brasil. As notas foram traduzidas de: <https://www2.uned.es/dpto-hdi/museovirtualhistoriamasoneria/7antimasonismo/fascismos%20y%20m.htm>

projeto do senhor Cabral, que se enquadrava, tanto por sua natureza quanto por seu conteúdo, nas "melhores tradições dos Inquisidores". Pessoa afirma que o projeto de lei, aparentemente direcionado contra as "associações secretas" em geral, na realidade estava dirigido total ou parcialmente contra a maçonaria, que não é apenas uma simples associação secreta, mas uma ordem iniciática, cujo segredo é comum a todas as ordens iniciáticas, a todos os chamados mistérios e a todas as iniciações transmitidas diretamente de mestre para discípulo.

A consequência da promulgação dessa lei foi a perseguição e o exílio para muitos dos 9.500 maçons portugueses que foram catalogados como tal pelas forças governamentais na época.

Na Alemanha de Hitler, a luta contra a maçonaria estava intimamente ligada não apenas à proibição das sociedades secretas e à supressão do marxismo internacional, mas especialmente à questão do judaísmo, em grande parte inspirada nos "Protocolos dos Sábios de Sião". Hitler os utilizou várias vezes em sua obra *Mein Kampf*, na qual desenvolveu em 1924 suas concepções de "povo e raça" e expressou sua determinada luta contra as potências supranacionais que encarnavam "o judaísmo, o bolchevismo e a maçonaria". Na Alemanha, a disseminação dos Protocolos serviu à propaganda hitlerista. A partir de 1934, eles foram introduzidos no ensino. Dessa forma, a obsessão pela aliança subterrânea entre judeus e maçons na conquista do mundo foi disseminada na Alemanha.

Diante dessa atitude de ataque e perseguição, as lojas maçônicas alemãs, assim como as da Itália e Portugal, encerraram suas atividades por iniciativa própria. O governo confiscou todos os seus bens móveis e imóveis. Em 1933, Goering afirmou: "Não há lugar para a maçonaria na Alemanha nacional-socialista!" E em 1º de março de 1942, ele escreveu o seguinte: "A luta contra os judeus, os maçons e as outras potências ideológicas em luta contra nós é uma tarefa urgente do nacional-socialismo durante a guerra".

Com a chegada dos alemães à França, os primeiros a serem identificados como alvos foram os participantes da Frente Popular, os maçons, os judeus, os anglo-saxões e, posteriormente, os bolcheviques. Isso deu origem à legislação antimaçônica do governo de Vichy, especialmente a lei de 13 de agosto de 1940, que proibia as sociedades secretas, sem fazer menção explícita à maçonaria, seu principal alvo.

Extrato traduzido de: José A. Ferrer Benimeli (Universidad de Zaragoza), *El contubernio judeo-masónico-comunista*, Madrid, 1982, pp. 223-272.

Maçons Fascistas

Javier Alvarado Planas

Devido à sua lealdade ao governo vigente, certos setores da maçonaria italiana tiveram uma simpatia indiscutível em relação ao regime fascista, o que se personificou nos numerosos maçons que eram membros do partido fascista. O próprio Grão-Mestre Torrigiani proclamou em 30 de dezembro de 1922 que "todo maçom [...] ajuda o governo a partir de sua posição" e que "esta Revolução [fascista] tem uma alma maçônica". Além disso, algumas lojas maçônicas declararam publicamente sua adesão ao Partido Nacional Fascista, uma vez que Mussolini havia incorporado alguns deles ao governo, como Alberto Beneduce (grande orador do Grande

Oriente da Itália), Gustavo Canti e o barão Camillo Romano Avezzana, mais tarde embaixador em Paris. Um maçom dos primeiros tempos do fascismo foi Riccardo Caraffa, duque de Andria (1859-1920), senador em 1904 e, finalmente, deputado pela lista Fascismo Liberal.

No entanto, a partir de 1922, os maçons começaram a desconfiar da natureza democrática e tolerante do fascismo, o que levou a deserções. Em janeiro de 1925, vários membros do conselho diretivo da Ordem assinaram o *Manifesto dos Intelectuais Antifascistas*, redigido por Benedetto Croce, em resposta ao Manifesto dos Intelectuais Fascistas escrito por Giovanni Gentile.

A primeira medida do fascismo contra a maçonaria ocorreu em fevereiro de 1923, quando os catorze membros do Grande Conselho Nacional Fascista, presididos pelo Duce, concordaram com a incompatibilidade entre ser maçom e pertencer ao Partido Nacional Fascista. Consequentemente, Benito Mussolini assinou um decreto em janeiro de 1924 e colocou essa medida em prática. Um dos afetados mais conhecidos foi o general Capello, deputado e grão-mestre do Grande Oriente da Itália, que, em cumprimento ao decreto, se desligou do Partido Fascista para manter sua afiliação à maçonaria. Curiosamente, um dos catorze membros do Grande Conselho Nacional Fascista era maçom, o Conde Alexander Dudan (1883-1957). Ele se afiliou ao partido de Mussolini em 1919 e ocupou diversos cargos políticos. Em 1924, foi eleito membro da Lista Nacional Fascista e, em 1934, foi nomeado senador. No entanto, o Conde Dudan foi expulso do Grande Oriente da Itália por ter se abstenido na votação do Grande Conselho Nacional Fascista, que em fevereiro de 1923 aprovou a incompatibilidade com a maçonaria.

Nos meses seguintes, o governo italiano continuou a pressionar a maçonaria, e por meio de uma comissão chamada "Comissão dos Quinze", elaborou um relatório sobre a maçonaria com o objetivo de fornecer argumentos a Mussolini para decretar a proscrição da Ordem. Assim, com o argumento de que durante o *Risorgimento italiano* a existência das sociedades secretas havia sido justificada devido à servidão e submissão sofridas pelos italianos, o relatório afirmava que, nos tempos atuais de liberdade, tais sociedades eram desnecessárias e incompatíveis com a soberania do Estado. Dessa forma, em 16 de maio de 1925, a maçonaria foi proibida por ser considerada uma sociedade secreta, e nos anos seguintes as forças de camisas negras perseguiram implacavelmente os maçons, matando quase uma centena deles e destruindo um grande número de lojas maçônicas. O próprio Grão-mestre do Grande Oriente da Itália, Domizio Torrigiani, foi exilado na ilha de Lipari e morreu pouco tempo depois.

O que talvez seja menos conhecido é o número significativo de maçons comprometidos com o regime fascista, como Bernardo Barbiellini Amidei (1896-1940), prefeito de Piacenza, deputado da Lista Nacional Fascista (1924) e membro do Conselho Nacional Fascista (1929). Um dos mais proeminentes foi o marechal e conde Ugo Cavallero (1880-1943), que recebeu a luz maçônica em 18 de julho de 1907 na loja Dante Alighieri em Turim, avançou para o grau de Companheiro em 10 de maio de 1909 e alcançou o grau de Mestre em 15 de janeiro de 1910. Após sair da Academia Militar, ele lutou na Guerra Ítalo-Turca e foi promovido a general de brigada em 1915. Em 1925, ele era subsecretário de Guerra com Mussolini e senador em 1926. Durante a Segunda Guerra Mundial, o conde Cavallero foi chefe do Estado-Maior Geral e depois chefe do Exército italiano na Albânia, comandante das forças italianas na Grécia, e trabalhou em estreita colaboração com a Alemanha, sendo agraciado por Hitler em 1942 com a prestigiosa Cruz de Ferro. Ele foi promovido a marechal da Itália, mas, após várias derrotas, foi destituído e acusado de traição pelos alemães, quando uma carta em que ele criticava o fascismo foi descoberta. Sua morte ainda é um mistério, pois ele foi encontrado com um tiro na cabeça, aparentemente cometendo suicídio. Um final trágico que resume de forma conclusiva uma era infeliz da história italiana e também da maçonaria.

Javier Alvarado Planas, *Monarcas masones y otros príncipes de la Acacia*, Madrid, 2017, tomo I, pp. 167 y ss.